

**CENTRO- OESTE: agronegócio, meio ambiente e novas territorialidades<sup>1</sup>**

Caio Moreno Machado Aquino<sup>2</sup>  
Karolayne Almeida de Souza<sup>2</sup>  
José Lucas Silva do Vale<sup>2</sup>  
Vitória de Melo Brasil<sup>2</sup>  
Welligton Gabriel<sup>2</sup>

**Resumo**

A região Centro-Oeste surgiu após a divisão regional feita em 1942 pelo Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE), desde então vem se desenvolvendo no sentido de se integrar economicamente ao restante do país. O objetivo desse trabalho é justamente traçar uma linha histórica de formação e ocupação dessa região, demonstrar como ela se encontra na atualidade com foco para o agronegócio, os impactos ambientais aos biomas predominantes e os conflitos territoriais existentes na região decorrentes de um sistema capitalista de produção que visa o lucro e o monopólio de mercado.

**Palavras – chave:** Centro-Oeste. Monopólio. Sistema Capitalista.

**Introdução**

A região Centro-Oeste é composta atualmente por três estados (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Goiás) e pelo Distrito Federal, mas sua formação nem sempre foi desta maneira. Assim como as demais regiões do nosso país, o Centro – Oeste passou por um longo processo para se mostrar do jeito é atualmente. Sua ocupação começou no século XVIII, por causa dos minérios encontrados naquela região e deste então o seu território vem sofrendo modificações, tanto físicas como econômicas, até chegar ao estado que encontramos hoje.

Este trabalho tem como objetivo fazer uma análise de como foi o processo de ocupação do Centro-Oeste brasileiro no decorrer da história, e como o seu desenvolvimento se encontra atualmente, tendo como foco o agronegócio, as transformações no meio ambiente e as novas territorialidades.

**1. Um breve histórico da formação do Centro-Oeste brasileiro**

Em 1938, o IBGE adota a divisão regional que o Ministério da Agricultura usava, ele dividia o país em Norte, Este, Sul, Centro. A região Centro-Oeste passou a surgir em 1942, depois da divisão regional feita pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE. Nesta divisão, a região era composta por apenas dois estados: Mato Grosso e Goiás. Com o decorrer dos anos muitas foram as transformações ocorridas até chegar na divisão regional que encontramos hoje, dentre estas mudanças está a separação do estado que hoje

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado na disciplina de Regionalização e Regiões do Brasil e ministrada pelo Prof. Dr. José Alves

<sup>2</sup> Discentes do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Acre, e-mail: caiomachado1998@gmail.com

conhecemos como Tocantins. Atualmente, o Centro-Oeste é composto pelos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e o Distrito Federal.

Sua efetiva ocupação se deu no começo do século XVIII, no final deste mesmo século uma das atividades mais importantes para a economia foi a mineração, que originou cidades como Cuiabá, Cáceres, Corumbá, Pirenópolis e Goiás (HESPANHOL, 2006). Mas por conta da decadência da atividade mineradora a importância econômica destas cidades perdeu status.

No século XIX, a atividade econômica que começou a ganhar destaque foi a pecuária, a produção de charque e a extração de erva-mate. Com a chegada dos trilhos na cidade de Campo Grande em 1915, ajudou com o transporte de gado para os frigoríficos.

Somente na década de 1930 houve incentivos oficiais para o povoamento da região, com a chamada “marcha para o oeste” promovida pelo governo de Getúlio Vargas. Esse governo viabilizou a construção de rodovias, ferrovias, além de eliminar barreiras alfandegárias, facilitando o comércio entre essa região e outras partes do país, principalmente com o Sudeste (TEIXEIRA e HESPANHOL, 2006, p. 57).

Mesmo com estes investimentos que buscavam o desenvolvimento dessa região, não se obteve o resultado esperado, porque em 1940 a área ainda permanecia despovoada e as estruturas construídas anteriormente se encontravam deficientes o que dificultava a conexão com os demais centros econômicos.

Teixeira e Hespanhol (2006) citam como um fato marcante a construção de Brasília, que foi inaugurada em 1960, e foi marcada pelo investimento na infraestrutura, já que tinha como princípio fazer a ligação entre os centros urbanos e produtivos do país.

## **2. O agronegócio na região Centro – Oeste**

O desenvolvimento da região Centro-Oeste muito tem a ver com o seu processo de ocupação. Começando pela mineração no século XVIII, onde cidades como: Cuiabá, Goiás, Corumbá e Pirenópolis se desenvolveram. A partir desse período, as atividades econômicas desenvolvidas nessa região foram as grandes responsáveis por desenhar o ordenamento espacial. No século XX, a criação de gado ganhou expressividade junto com a produção de charque, fazendo com que grandes fazendas fossem instaladas na região e em meados desse mesmo século a extração da erva-mate ganhou impulso.

O incentivo do governo Getúlio Vargas, em 1930, com o movimento denominado “Marcha para o Oeste”, contribuiu de forma significativa para o progresso das atividades econômicas na região, projetos que incentivavam a vinda imigrantes para trabalhar no Centro-

Oeste foram desenvolvidos, incentivos fiscais e melhorias na infraestrutura da região contribuíram para atrair um contingente populacional para a região além de conglomerados empresariais que se aproveitavam da facilidade em conseguir terras “fáceis” para produzir.

Na década de 1970 foram implantados na região Centro- Oeste vários programas de desenvolvimento que contaram com apoio de instituições como a Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA), o Banco do Brasil, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e entre outros (HESPANHOL, 2006 p. 14). Com esses incentivos, as áreas de mata da região como o Cerrado, foram sendo ocupadas em grande parte por produtores de grãos, em sua maioria produtores de soja e empresariados vinculados ao setor agroindustrial. Com essa ocupação houve uma mudança nas bases técnicas de produção com a implantação da “Agricultura Moderna”, onde foram investidos recursos em pesquisa para adaptação de grãos como a soja ao clima da região, maquinário e infraestrutura para ligar a região ao restante do país.

Todo esse processo do desenvolvimento do agronegócio na região está associado a sua trajetória histórica de incentivos à ocupação e desenvolvimento econômico e a vários fatores como: sua localização, onde faz divisa com as regiões Norte, Nordeste, Sudeste e Sul que favorece a logística; a abundância de terras planas que permite a mecanização pesada; a disponibilidade de recursos naturais e as isenções fiscais e apoio político.

O outro fator importante no desenvolvimento do agronegócio na região é o âmbito internacional que busca por produtos agrícolas, onde favorece o desenvolvimento de atividades econômicas na região pelo aumento do preço das commodities, o que somado a isso vem a ajuda do Estado “[...] responsável por garantir infraestrutura, financiamentos, renegociações de dívidas agrícolas, mudanças na legislação, pesquisa e entre outros.” (MAURO; CALAÇA, 2017 p. 4). Sendo assim, o Centro-Oeste enfrenta um processo denominado de “Mundialização da agricultura”, no qual tanto o capital nacional como internacional atuam na região para o desenvolvimento do agronegócio.

As empresas que atuam na região acabam por comandar a produção, surgindo assim duas formas de monopólio: a territorialização dos monopólios e a monopolização dos territórios. No primeiro, as empresas ou conglomerados empresariais atuam no controle da propriedade privada da terra, do processo produtivo no campo e do processamento industrial. No segundo, as empresas de comercialização e processamento atuam no controle dos camponeses e capitalistas produtores no campo, por meio de mecanismos de subordinação.

Sendo assim, a região Centro-Oeste “[...]se inseriu definitivamente na divisão territorial do trabalho e na divisão territorial da produção, como fornecedor de produtos

primários e semiprocessados [...]” (MAURO; CALAÇA, 2017 p.5). Sendo assim, o desenvolvimento do agronegócio principalmente voltado à agropecuária é visto a partir de alguns dados que são fruto de uma comparação dos anos de 2000 a 2017 em relação ao crescimento de áreas ocupadas pelas atividades agrícolas e a pecuária. (MAURO; CALAÇA, 2017).

Dessa forma, os dados mostram que as áreas ocupadas por lavouras temporárias de soja (que aparece no topo da lista), no ano 2000 eram de 5,53 milhões de hectares foi para 14,64 ha em 2015, seguido pelo milho com 6,72 milhões de hectares e a cana-de-açúcar com 1,75 milhão de hectares. O arroz perdeu espaço, de 915,65 milhões de hectares no ano de 2000 passou para apenas 229,16 milhões de hectares em 2015. (MAURO; CALAÇA, 2017 p.5). Esses dados representam o crescimento do agronegócio na região, que abrange outros aspectos como a exportação que falaremos mais adiante.

Em relação as exportações, a soja é o principal produto de exportação representando 47,3% do total, seguido pelo milho com 13,57% e a carne bovina com 8,8%, apenas esses três produtos representavam quase 70% das exportações regionais. (MAURO; CALAÇA, 2017, p. 7). Os países que mais importam os produtos da região são: a China com quase 30%, a Ásia como um todo recebe 55% das exportações, seguida pela União Europeia com 19%, Oriente Médio com 9,64%, África com 4,51% e a América Latina com apenas 4,02%. (MAURO; CALAÇA, 2017, p. 9).

Contudo, a região Centro-Oeste nos anos de 2002 e 2014 verificou um relativo aumento de sua participação no PIB brasileiro, passando de 8,61% em 2000 para 9,39% em 2014. (IBGE, apud em MAURO; CALAÇA, 2017, p. 9). Porém, é explícito que não houve um crescimento tão elevado, mas que caracteriza a mudança nas bases técnicas das principais atividades econômicas da região e o avanço do agronegócio.

### **3. Impactos ambientais na região Centro-Oeste**

Os incentivos do Estado em relação ao processo de ocupação, instalação de conglomerados empresariais e desenvolvimento da “Agricultura Moderna”, com as mudanças nas bases técnicas de produção, possibilitaram um crescimento considerável no que se diz respeito à produção agrícola de maneira a ocupar as regiões de mata do Centro-Oeste. Dessa maneira, os impactos ambientais em torno dessas áreas de cultivo aumentaram, como por exemplo, o desmatamento para áreas de pastagens, uso de agrotóxico nas plantações dos grandes proprietários fizeram com que houvesse um completo desequilíbrio ecológico da fauna e da flora dessa região.

A revolução verde trouxe um excedente populacional e industrial para região Centro-Oeste com o uso de técnicas e manejos agrícolas totalmente avançadas sem nenhum tipo de responsabilidade em relação aos biomas presentes naquela região, que podemos citar como o Cerrado, o Pantanal e, ao Norte de Mato Grosso, a Floresta Amazônica, que sofreram e sofrem até hoje, com os impactos causados pelas atividades econômicas e também pelo aumento populacional.

Os impactos hídricos e do solo que são evidenciados pelo avanço das atividades econômicas, sobretudo, pela agricultura e a pecuária em grande escala, são atingidas de certa forma em uma “cadeia” de degradação, que é consolidada mais ou menos dessa forma:

A retirada da cobertura vegetal original seria a responsável pela perda de grande parte da biodiversidade, deixando o ecossistema mais vulnerável pela diminuição de sua resiliência. O manejo inadequado seria a causa de um grave problema ambiental que é a erosão. Com a perda de solo provocada pela erosão, faltarão nutrientes para suprir as necessidades nutricionais das plantas, logo, haverá necessidade de fertilizantes. Os fertilizantes inorgânicos podem, em excesso, prejudicar a qualidade biológica do vegetal, contaminar os recursos hídricos, além de deixar o solo pobre em microfauna que inibe os inimigos naturais da plantação. Sem os inimigos naturais, surgem às pragas e, para combatê-las, são usados agrotóxicos, como, inseticidas, fungicidas, entre outros. Estas substâncias, dependendo do princípio ativo, podem ter um efeito residual longo e entrar em contato com o lençol freático e outros cursos d'água contaminando-os, além de se infiltrar na cadeia trófica dos ecossistemas e, em última análise, contaminar o próprio homem (AZEVEDO, 2018, p. 7).

O ecossistema do Brasil Central vem sendo degradado constantemente, por todos esses fatores, tudo impulsionado por um sistema compulsório de desenvolvimento industrial sem se ater aos problemas que podem causar na própria região na qual são retiradas as matérias primas para a produção, provocando um cansaço da terra e uma certa escassez dos materiais necessários para o subsídio da população da região e da produção para o mercado.

#### **4. Conflitos territoriais no Centro-Oeste brasileiro: Guaranis-Kaiowás e fazendeiros no Mato Grosso do Sul**

Nos estudos sobre o território, os debates acerca do assunto podem estar presentes em outras ciências, mesmo que a sua propriedade conceitual seja de ordem geográfica. Economia, ciência política, sociologia, antropologia e psicologia são exemplos das várias formas de entendimento que se tem sobre o conceito de território, visto que se remete às espacialidades humanas. Porém, ao trabalharmos com questões de territorialidade, o enfoque principal da questão está nas muitas relações subjetivas que são projetadas pelos indivíduos

no espaço. Em vista disso, a presença intrínseca da geografia se faz indispensável para a compreensão das representações abstratas que cada indivíduo constrói a partir da sua vivência.

O recorte e enfoque que abordaremos são referentes ao Centro-Oeste brasileiro – mais precisamente o sul da região – e as perspectivas econômicas e simbólicas-culturais respectivamente em despeito dos conflitos entre os grandes fazendeiros da região e os povos indígenas Guaranis-Kaiowás. Para tanto, Haesbaert (2006), salienta que o território é um espaço apropriado pelos grupos, não apenas politicamente, mas também economicamente e culturalmente. E também constituído por um jogo de complexas relações, entre os grupos, que ora o dominam, ora perdem esse domínio frente a outros grupos mais fortes ou melhores articulados.

Essa disputa entre os índios Guaranis-Kaiowás e os latifundiários tem início nos anos finais do século XIX com os gaúchos que migram em função da colonização do Centro-Oeste brasileiro indo de encontro com políticas indigenistas protagonizadas pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), órgão responsável pela criação das muitas reservas indígenas em razão da invasão das suas terras tradicionais (tekohás) por grandes fazendas e empresas rurais. Sendo agravada com a chegada dos sem-terra nordestinos, com a expansão da fronteira agrícola, uma vez que a reterritorialização dos migrantes sulistas se acentuou no estado, contando com o baixo preço das terras e as facilidades de acesso ao crédito agrícola se faz um ambiente bastante propício para essa nova produção territorial.

## **5. Movimento dos trabalhadores rurais sem terra no Centro Oeste**

O Centro-Oeste é marcado historicamente por disputas territoriais em função da expansão agrícola na região, destacando-se principalmente a cultura de grãos, como a soja, uma das principais commodities do Brasil. Outro fator condicionante desses embates é a aproximação das indústrias da fonte de matéria prima, fazendo com que haja uma modernização e urbanização no entorno das plantações, resultando no surgimento de novas cidades que tem como base econômica as atividades agrárias.

Com isso, podemos ver o aumento dos conflitos entre latifundiários/industriários, populações indígenas e trabalhadores rurais sem terra (MST). Assim, se intensifica a luta do pequeno produtor que vem perdendo cada vez mais espaço com a expansão do agronegócio na região.

Buscando uma alternativa para estabelecer uma redistribuição de terra para continuarem desenvolvendo suas produções de subsistência, essas comunidades se integram a luta por uma reforma agrária no país e a consolidação de novas políticas que estabelecem os direitos do pequeno produtor frente à tecnificação e modernização do campo.

Como um modo de responder a esses anseios, evitando implementar uma reforma agrária no país, o governo estabelece por meio de compra ou expropriação, os assentamentos, nessas terras disponibilizadas essa população desenvolve uma agricultura familiar cooperativa tanto para o consumo dos assentados quanto para a venda em feiras, e cobram do Estado seus direitos a moradia, educação, saúde e meios de produção.

### **Considerações Finais**

A região Centro-Oeste teve sua ocupação marcada pela atividade mineradora que com a sua decadência, abriu espaço para outras atividades serem desenvolvidas na região como a criação de gado e mais tarde a produção de grãos, sendo assim, o número de propriedades que desenvolvem atividades agrícolas para exportação vem aumentando por consequência dos incentivos estatais que geram a instalação de grandes empresas na região fazendo com que essa ganhe visibilidade tanto no âmbito nacional como internacional. Entretanto, como todo e qualquer grande empreendimento, os impactos ambientais decorrentes dessas atividades também ganharam impulso e vêm degradando o ambiente natural da região de forma acentuada provocando desequilíbrios nos biomas predominantes como o cerrado, o Pantanal e uma parte da Floresta Amazônica.

Outro fator marcante na região gira em torno dos conflitos territoriais entre os latifundiários, indígenas, pequenos proprietários e os “sem terra”, todos buscam um espaço para a vivência ou produção seja em grande ou pequena escala. Os conglomerados empresariais também entram nessas disputas, pois muitas empresas anseiam terras na região em consequência da visibilidade que a região tem em relação ao mercado nacional e internacional, acentuando ainda mais os problemas sociais. Com tudo, mesmo com esses entraves que ocorrem em relação ao crescimento populacional e industrial do Centro – Oeste é impossível não destacar o crescimento econômico pelo qual a região passou ao longo dos anos e como isso perdura até os dias atuais.

O cenário atual do Centro-Oeste desponta para um crescimento regional ainda maior com o desenvolvimento do agronegócio e a necessidade dos países desenvolvidos por matérias-primas, que atuam fortemente no desenvolvimento de atividades de cunho agrícola na região, gerando emprego e renda para a população, aumentando assim a participação da

região em relação ao PIB brasileiro, definindo as bases para a perpetuação da integração regional, tão desejada pelos governos brasileiros.

O trabalho foi desenvolvido no intuito de promover essa discussão acerca da implantação do capital nacional e internacional na região, como isso afeta a economia local, os impactos ambientais e as relações entre a sociedade, levando a entender de que forma esses conglomerados internacionais atuam na produção no campo, fazendo essa articulação entre relações capitalistas e não capitalistas de produção, que são caracterizadas pela produção familiar perdendo espaço para o agronegócio dotado de tecnologias avançadas voltadas para a exportação.

### Referências

ARBEX, José; OLIC, Nelson Basic. **Rumo ao Centro-Oeste: O Brasil em regiões**. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Andréa Aguiar. **Análise dos impactos ambientais das atividades agropecuárias no cerrado e suas interrelações com os recursos hídricos na região do pantanal**. Disponível em <

[http://assets.wwf.org.br/downloads/wwf\\_brasil\\_impactos\\_atividade\\_agropecuaria\\_cerrado\\_pantanal.pdf](http://assets.wwf.org.br/downloads/wwf_brasil_impactos_atividade_agropecuaria_cerrado_pantanal.pdf) >. Acesso em: 16 de ago. de 2018.

LIMA, Aparecida do Campo; VILLA-LOBOS, Jorge Guerra. **Abrindo novos horizontes na Reforma agrária**. Maringá: Programa de Pós-graduação em Geografia-UEM, 2001.

MAURO, Rogério Antônio; CALAÇA Manoel. **A expansão do agronegócio no Centro-Oeste brasileiro**. Curitiba, 2017. Disponível em <  
[singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt08\\_1506869546\\_arquivo\\_trabalhocompleto-singa-20173-docx-revk.pdf](http://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt08_1506869546_arquivo_trabalhocompleto-singa-20173-docx-revk.pdf) >. Acesso em: 15 de ago. de 2018.

NALON, Tai. **Dados do Incra mostram redução de assentamentos para reforma agrária**. Brasília, 2011. Disponível em: < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2011/10/dados-do-incra-mostrar-reducao-de-assentamentos-para-reforma-agraria.html> >. Acesso em: 10 de ago. de 2018.

TEXEIRA, Jodenir Calixto; HESPANHOL, Antônio Nivaldo. A região centro-oeste no contexto das mudanças agrícolas ocorridas no período pós-1960. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros- Três Lagoas**. Três Lagoas –MS, v. 1, n. 3, p.52-66, maio de 2006.

Submetido em: agosto de 2018.

Aceito em: setembro de 2018.